

de entidades competentes, pois de contrário os incautos estão sujeitos a sofrer graves consequências da sua temeridade.

JOÃO DE VASCONCELLOS/ANA MARIA MOURA

amanitinas — BIOQ. As A., também designadas por *amatoxinas*, formam um grupo de octapéptidos bicíclicos, constituídos por dois resíduos de leucina, um de isoleucina, um de di-hidroxi-isoleucina, um de asparagina, um de hidroxiprolina, um de triptofano e um de cisteína. Incluem a α -A., a β -A., a δ -A., a amanina e a amanulina. São responsáveis, conjuntamente com as falotoxinas, pela toxicidade de certas espécies de cogumelos do género *Amanita*, designadamente de *Amanita phalloides*. A sua toxicidade deriva de inibirem a enzima ARN polimerase II (EC 2.7.7.6) das células eucariotas, o que conduz ao desenvolvimento de necroses nas células do fígado e rins dos animais. Mais de 90% das mortes por envenenamento causadas por cogumelos são devidas à ingestão de fungos do género *Amanita*.

R. BOAVIDA FERREIRA

Amapá — Estado brasileiro da região Norte entre o estado do Pará (S e O), a Guiana Francesa (N) e o oceano Atlântico (E). Tem uma área de 142 358 km² e c. 290 000 hab. (1991). A capital é Macapá. Os rios Jari e Amazonas estabelecem as fronteiras O, S e SE, do Estado, enquanto que o Oiapoque separa o A. da Guiana. Foi elevado ao estatuto de Estado em 1988, depois de ter constituído o território de Araguari e, depois, a partir de 1943, o território Federal do Amapá.

O Estado é atravessado pela linha do equador em Macapá, pelo que o clima é equatorial, quente e húmido, assim como é equatorial a floresta que cobre quase todo o Estado. Caracteriza-se por um povoamento disperso, cheio de contrastes entre zonas despovoadas e outras superpovoadas, como no caso de Macapá, onde se concentra 60% da população de todo o Estado. A descoberta de jazigos de manganésio (1945) veio dar um forte impulso económico à região, mas encontram-se já em fase de esgotamento. Contudo, estão a ser explorados jazigos de ferro e de petróleo, para além do ouro. Extrai-se ainda borracha, madeira e castanha-do-pará. Na agricultura, que começa a ter algum significado, cultivava-se arroz, milho, mandioca, feijão.

Explorado tanto por portugueses como por espanhóis, o território foi doado em 1637 a um português. Tendo de fazer frente aos ataques de ingleses, franceses e holandeses, que tinham os seus quartéis-generais nas Guianas, os portugueses construíram o forte de Santo António de Macapá. Pelo Tratado de Utrecht (1713) a França aceitava o rio Oiapoque como fronteira, mas não cumpria as determinações. Já no final do séc. XIX (1895) a França tentou ocupar militarmente a região, reivindicando a posse da riqueza existente no subsolo, mas a tentativa foi repelida. A França aceitou então resolver a questão por arbitragem internacional (1900), na pessoa do então presidente suíço, Walther Hauser, que deu razão ao Brasil. Neste processo esteve em particular evidência o senso político

e diplomático de José Maria da Silva Paranhos Júnior, barão do Rio Branco.

Amapá — Município brasileiro do estado do Amapá, mesorregião do Norte do Amapá, microrregião de Amapá. Área: 13 601 km². Pop. (1991): 8077 hab.

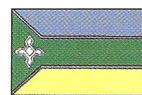
amapazeiro — BOT. Nome vulgar brasileiro de *Parabancornia amapa* (Hub.) Ducke, espécie da família das Apocináceas, cujos representados são árvores de grande porte; o caule exsuda abundante látex branco ao ser cortado; folhas simples, membranáceas, oblongas, curtamente pecioladas; flores em corimbos multifloros, terminais, com pétalas branco-amareladas; fruto baciforme com c. 8 cm, epicarpo roxo e espesso, polpa comestível, doce e saborosa com numerosas sementes. Encontra-se na floresta amazónica brasileira. Atribuem-se propriedades medicinais ao seu látex.

M.^a CÂNDIDA LIBERATO

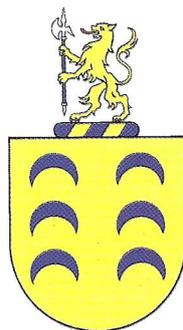
Amaporã — Município brasileiro do estado do Paraná, mesorregião do Noroeste paranaense, microrregião de Paranavaí. Área: 367 km². Pop. (1991): 3941 hab.

Amaraji — Município brasileiro do estado de Pernambuco, mesorregião da Mata pernambucana, microrregião da Mata Meridional pernambucana. Área: 226,8 km². Pop. (1991): 19 943 hab.

Amaral — GEN. Apelido de origem topográfica. Embora haja duas aldeias deste nome, uma no termo de Barcelos e outra no termo da vila de Sul, os genealogistas concordam em atribuir a esta última a origem da família. Na verdade, as *Inquirições* de D. Afonso III referem-se a um D. Afonso Henriques do A., que se tinha apoderado indevidamente do Souto de Lourosa. Na mesma época deve ter vivido João Lourenço de A., que teve uma filha casada com Gonçalo Martins Rabelo. Na família (se era só uma) conservou-se o apelido e, em 31.5.1491, André Paleólogo, déspota dos Romanos e que se dizia herdeiro do império de Constantinopla, concedeu a Pedro Rodrigues do A., protonotário apostólico, conde Palatino, administrador do Convento de S. Pedro das Águias e arcepreste da Igreja de Santa Maria, da vila de Almeida, umas armas que foram confirmadas pelo rei D. Manuel I, 30.8.1503. Estas armas poderiam ser também usadas por seus irmãos e por quaisquer descendentes, embora bastardos ou espúrios. Parece, todavia, que, embora registadas no *Livro do Armeiro Mor* e na Chancelaria Régia, não continuaram a ser usadas, porque só em 1693 reaparecem em uma carta de armas. Em 23.4.1515, D. Manuel I deu a Fr. André do Amaral do seu Conselho, chanceler-mor e embaixador de Rodes (Ordem do Hospital), comendador da Vera Cruz, etc., uma carta de armas que ele pedira, por ser filho legítimo de Martins Gonçalves do A. e Mecia Homem; o pai era filho legítimo de Catarina Vicente, filha de Vicente Anes Corream e de Senhorinha Martins, bisneta de Domingos Joanes, de Oliveira do Hospital. Por



Amapá



Amaral



Amaral